



Adriana Negreiros
Jornalista

O desejo constante de desbravar porque o casamento com o jornalismo não pode nunca cair na rotina

A vivacidade e a paixão pela informação nova, ditas do jornalismo romântico, são perfeitamente encontradas e definidas nos olhos vivos de Adriana Negreiros Dantas. O paradoxo temporal se faz nela: do lado de fora, os anos parecem não passar, conservando no rosto as linhas de beleza que ganham ainda maior vigor quando o sorriso se abre fácil e descompromissado; do lado de dentro, o tempo já parece passar rápido demais, em pensamento e vivência, refletido pelas palavras, pronunciadas rápidas e emboladas, e pelo desejo contínuo de mudar. Experimentar, arriscar, testar, viver. Cascavilar todas as entranhas dessa teia fabulosa de que se constitui o jornalismo de Adriana, cheio de histórias, erros, acertos, descobertas e saltos magníficos, que rendem narrativas de igual magnitude.

A paulista de nascimento e cearense de criação e coração absorveu o espírito acolhedor e a capacidade de se adaptar característicos dos filhos da Terra da Luz – e o bom humor também. Uma conversa com ela não deve acontecer sem boas gargalhadas, salpicadas por aquele palavreado típico da malícia cearense: como não ser conquistado por tal presença? Mas o mais bonito em Adriana, além da própria Adriana – que o digam os olhos masculinos que se encantaram com o encontro na tarde do sábado da realização da entrevista metalinguística –, é o reconhecimento de cada erro que foi, por vezes, inocentemente acrescentado na própria trajetória profissional. Mais que isso, a capacidade de transmutar cada um desses erros em uma regra para o manual de jornalismo dela.

O rosto angelical parece ter sido feito sob encomenda para contrastar com a personalidade, porque a independência vinha antes da fragilidade inerente à condição feminina, e a cabeça aberta dava margem às inúmeras possibilidades de atuação que o faro aguçado de Adriana identificava a cada nova pauta que lhe era passada. O mundo dela parece

correr léguas à frente das outras pessoas. O pensamento é rápido, as ideias ousadas, o espírito é desbravador e inquieto – e parece se sentir incomodado com tudo aquilo que lhe dificulta a respiração e a fruição de ideias e palavras e gestos e lembranças. As histórias jornalísticas de Adriana vêm perfiladas por dicas, conselhos e estratégias que vão somente ser apreendidas por quem compartilhar da intensidade com que ela vive a profissão.

Nas primeiras oportunidades, vieram logo as sugestões de mundos a serem vistos: o encantamento pelas dores presenciadas em uma emergência médica, a solidão das obras abandonadas do Nordeste, a infância perdida na malícia de beira de estrada. O fascínio pela obscuridade do mundo, que poderia ser clareada pelo jornalismo. O medo de se aventurar pelo novo nunca ousou florescer em Adriana. Pelo contrário, as limitações é que lhe amedrontava – acomodar-se, jamais! A graça de contar histórias reside justo nesse quase tédio por sempre pensar em algo novo a partir de onde se está naquele momento.

Jogar-se nas chances, mesmo sem saber exatamente aonde quer chegar. O que importa é almejar sempre algo melhor, diferente. Quanto ao limite, bem, não há limites. A folha em branco, o gravador recém-ligado e o bloco à mão são o ponto de partida para experiências singulares, entrevistas confessionais e emoções transcritas, que transportam o leitor para aquele mundo vivenciado instantaneamente por Adriana, e permanentemente por sua alma, que não se cansa nunca de ser jornalista.

Ficha Técnica

Equipe de Produção:

Jéssica Welma
Yohanna Pinheiro

Texto de abertura:

Jéssica Colaço

Participação:

Alan Barros
Aline Conde
Fernando Wisse
Gabriela Alencar
Ingrid Braquehais
Jéssica Colaço
Jéssica Welma
Juscelino Filho
Vandecy Dourado
Yohanna Pinheiro

Fotos:

Diego Sombra



Entrevista com Adriana Negreiros, dia 26 de maio de 2012.

Jéssica Welma – Adriana, por que você escolheu o curso de jornalismo?

Adriana – Olha, na verdade, eu sempre quis ser jornalista, desde sempre. Nunca me ocorreu fazer outra coisa que não ser jornalista. Então, nem houve um momento em que eu decidi fazer o curso de Comunicação Social. Era algo tão natural! Eu já sabia desde muito cedo que era esse o curso que eu iria fazer. Nem houve aquele momento de dúvida: “Ah, será que eu faço psicologia, será que eu faço...?”. Na verdade, o curso é de Comunicação Social, né? Não sei se agora chama Jornalismo... Eu lembro que, quando eu era muito pequena – eu tinha, sei lá, uns 10 anos –, eu já queria ser jornalista, mas não sabia qual era o curso que eu deveria fazer para ser jornalista. Aí eu peguei um Guia do Estudante, que a (Editora) Abril publica, fui procurar, vi lá Comunicação Social e falei: “Ah, é esse aqui, é esse que eu tenho de fazer”. Não chegou a haver um momento em que eu tenha tomado essa decisão. Agora, talvez, respondendo à sua pergunta, você talvez queira saber por que eu resolvi ser jornalista, né? Talvez seja mais ou menos isso. Eu sempre gostei muito de escrever. Eu nutria a fantasia, quando eu era criança, de que eu iria ser escritora, mas obviamente que era uma fantasia. Eu fazia redações no colégio me imaginando uma ficcionista e tal. A carreira que mais se aproximava da carreira de escritora que, obviamente, não é uma carreira que você possa fazer um curso para virar escritora, era o jornalismo. E foi assim que eu acabei enveredando por isso (pelo jornalismo).

Gabriela Alencar – Da época que você estudou aqui na UFC, quais as melhores lembranças que você tem desse período?

Adriana – Ah, da cachaça, é claro (risos)! Mas eu não vou mentir pra vocês numa pergunta dessas. (Adriana se vira para o professor Ronaldo Salgado). Desculpa, Ronaldo (risos). Eu acho que o período que a gente está na universidade é quando a gente se liberta um pouco dos pais e pode aproveitar a vida. Esse era um aspecto bem interessante. Agora, do ponto de vista acadêmico, eu lembro que eu ficava muito fascinada com as aulas do Agostinho Gósson, ele ainda é professor? (os alunos explicam que o Agos-

tinho acabou de se aposentar). Acabou de se aposentar... Era a aula que tinha mais relação com a prática jornalística. Era Técnicas de reportagem e entrevista, era isso? Será (que era), o nome da disciplina? Mudou, né? A gente fazia matérias mesmo, a gente produzia. E foi aí que eu comecei a ter contato com a notícia, no formato tradicional do lide, sublide, e eu fiquei muito fascinada por isso. Eu (pensava): “Caramba, como é bacana”. Como aparentemente é fácil você fazer isso – o que, como, onde, por que (perguntas básicas que compõem o lide jornalístico) –, e como tem o desafio de você tornar isso atraente, como você tem de ter perspicácia pra transformar um fato corriqueiro numa notícia interessante. Nessa época da cadeira do Agostinho, eu tenho ótimas lembranças porque foi uma disciplina que me deixou muito entusiasmada. Ele também contava causos... As más línguas diziam que era tudo mentira, mas se fosse também, pouco importa (risos), porque eu ficava muito impressionada quando ele contava sobre as entrevistas que ele fazia com o Roberto Carlos (cantor e compositor brasileiro). Eu lembro bem do Roberto Carlos. Ele contou alguns outros casos também, e eu falava: “Caramba, como é divertido isso!”. E tem coisas que eu uso hoje, na minha prática jornalística, que eu devo ao Agostinho. Aos toques e às histórias que ele contou nessa época...

Aline Conde – (interrompendo) Que experiências são essas?

Adriana – Tinha uma coisa que ele contava que realmente é muito importante, que era o seguinte: se você vai entrevistar uma pessoa, você não pode chegar na casa do entrevistado sem criar nenhuma empatia com ele, já fazendo um monte de perguntas. Óbvio que nem sempre dá pra fazer isso, mas o mais adequado é que você crie uma relação com o entrevistado antes. E como fazer isso? Ele contava: “Ah, por exemplo, na casa do Roberto Carlos, eu tava lá, e ele tava usando um anel” – não sei se era isso, mas alguma coisa parecida com isso –, um anel e falava: “Nossa, mas esse anel...!”. E ele puxava uma conversa sobre o anel, e o Roberto Carlos já começava a conversar e ele já enfiava ali uma história no meio. E quando eles se davam conta, eles já estavam numa relação muito mais pessoal do que profissional.

Adriana Negreiros nasceu em São Paulo, no dia 17 de agosto de 1977. Foi a única da família a nascer na capital paulista.

A família Negreiros vem da cidade de Mossoró, no Rio Grande do Norte. Eles foram para São Paulo por causa do trabalho do patriarca, o administrador Almir Torquato Dantas.

O nome da Adriana Negreiros ficou conhecido entre alguns alunos durante o 3º semestre de Jornalismo. O professor da UFC Luis-Sérgio Santos citou Adriana como uma ex-estudante da UFC que se havia tornado editora da *Playboy*.

A partir daí, começava uma entrevista já com uma empatia que ele havia criado inicialmente com o entrevistado. Essa era uma história que ele contava e até hoje eu uso isso. Até hoje eu lembro o Agostinho quando eu vou fazer uma entrevista. Eu tenho de criar primeiro uma relação, quando é possível, quando dá tempo, com o entrevistado pra que depois a entrevista flua de uma forma mais natural. Essa foi a principal dica que eu peguei dele.

Jéssica Welma – Você entrou no curso com alguma preferência em relação a jornalismo impresso, telejornalismo ou rádiojornalismo?

Adriana – Eu sempre quis fazer jornalismo impresso, porque, como eu gosto de escrever, era o que mais me permitia exercer essa minha vontade.

Gabriela – Em relação à sua vida profissional, você começou na editoria de política, no Diário do Nordeste (*jornal cearense criado em 1981*). É um meio que era predominantemente masculino. Na época era mais difícil a inserção de mulheres na editoria de política.

Adriana – (*interrompendo*) É, pois é. (*ri*)

Gabriela – Como é que foi esse começo?

Adriana – É uma história até engraçada. Quando eu soube que tinha vaga no Diário para editoria de política, alguém falou assim: “Adriana, nem adianta você tentar porque o Edison Silva, que é o editor de política, não gosta de mulher”. Não no sentido sexual do termo, mas profissionalmente falando. Ele não gosta de trabalhar com mulher, nunca trabalhou com mulher, então nem adianta. Eu falei: “Cara, mas vai que...?”. Eu fui lá conversar com ele, e eu não me lembro se ele disse isso pra mim, ou se alguém me contou, mas tinha uma história que era assim. Ele falava que: “Ah, é porque mulher fica menstruada, mulher engravida, mulher

“Eu lembro que, quando eu era muito pequena, (...) eu já queria ser jornalista, mas não sabia qual era o curso que eu deveria fazer para ser jornalista”.

Adriana mora em São Paulo com o escritor Lira Neto. Eles têm duas filhas, Emília, com oito anos, e Alice, com dois.

tem TPM, mulher surta, e eu realmente não gosto de trabalhar com mulher”. Mas, mesmo assim, me permitiu fazer um teste. Ele mandou eu fazer uma matéria sobre a Lei de Uso e Ocupação do Solo que estava sendo votada na Câmara Municipal de Fortaleza naquela época. Eu fiz essa matéria, não fazia a menor ideia do que “diabos” fosse lei de uso e ocupação do solo, não tinha a mínima noção. Mas fiz a matéria, liguei pra uns arquitetos amigos e consegui fazer a matéria. Ele gostou e falou: “Ah, você pode ficar aqui alguns dias, fazendo uma temporada de teste de 15 dias, depois a gente vê se te contrata ou não”. E eu fui cobrir a Câmara. A vaga era pra ser “setorista” da Câmara Municipal. Eu fiquei esses 15 dias e ao final ele resolveu me contratar. Mas eu acho que rolou uma empatia também. Mas talvez ele também tenha achado muito ousado uma mulher chegar lá e já se candidatar a uma vaga que todo mundo sabia que era uma vaga preferencialmente masculina. Mas deu certo. Durante muito tempo fui motivo de piada no Diário: “Mas, nossa, como pode uma mulher trabalhando com o Edison Silva?!”. Porque já se sabia que ele tinha essa restrição a mulheres. Mas, enfim, tanto que depois outra mulher foi trabalhar lá, que foi a Lucirene Maciel que atualmente é assessora do Bruno (*Artur Bruno, deputado federal*).

Alan – Você escolheu a editoria de política porque quis ou foi uma oportunidade que surgiu?

Adriana – Não, era porque era o único lugar onde tinha vaga. (*risos*) Eu falei: “É aí mesmo”. Se tivesse vaga em outro lugar... Assim, eu sempre gostei muito de política, então isso já me deixou muito mais à vontade. Mas se fosse uma vaga no Caderno 3 (*editoria de cultura e entretenimento*), ou no Esporte, eu ia acompanhar do mesmo jeito, eu queria arrumar um emprego. Foi bom ter sido na política, porque era uma área que me interessava já. Mas eu me interessava mais pela macropolítica, aquela coisa ainda de quem foi adolescente petista, me interessava pelas questões maiores... Fui cobrir a Câmara Municipal, que era muito diferente do que eu imaginava, mas foi muito bom, muito bom. Eu fiquei muito fascinada, na época, pela experiência. Conhecer os vereadores, ver como funcionava a Câmara...

Vandecy – Pelo fato de ser mulher, como foi que você entrou na Câmara (*dos vereadores*), em relação à sua postura? Houve aquele preconceito por você ser mulher, como: “Ah, será que ela vai conseguir fazer o mesmo trabalho que os homens já fazem no trabalho de cobertura?”.

Adriana – Eu acho que eu não tive a



Adriana foi sugerida para a Revista Entrevista por Jéssica Welma, que encontrou informações sobre a entrevistada em um blog sobre a revista Playboy.

postura mais correta, não. Porque eu era realmente muito imatura, eu era muito menina... Ali eu aprendi que eu tinha de ter uma postura em outros ambientes que não podia ser a mesma postura que eu tinha na faculdade. Até porque eu ainda era da faculdade, eu cobria a Câmara, ia para o jornal, escrevia a matéria e vinha pra aula. Eu ia vestida do mesmo jeito que eu vinha pra faculdade. Depois de um tempo, já sabia os nomes dos vereadores e tratava os vereadores pelo nome, não os chamava de vereador, que é o certo a se fazer. A minha postura não foi a mais correta. Eu acho que eu devia ter tido uma postura mais profissional e mais séria naquele momento. Isso eu acho que me atrapalhou. Hoje, eu sei que realmente me atrapalhou.

Vandecy – Você chegou alguma vez a ser constrangida por algum vereador?

Adriana – Teve um caso, que foi o Idalmir Feitosa, que era um vereador que não gostava de mim de jeito nenhum. Porque uma vez ele fez um pronunciamento na Câmara e, em algum momento, ele usou a expressão “negrada”. Mas era a expressão que a gente usa: “Ei, negrada”, a gente usa isso o tempo inteiro. Eu reproduzi isso na aspa dele, ele ficou muito “puto” (*risos*) porque eu coloquei “negrada” na aspa. O que talvez eu nem devesse ter colocado, porque não era muito relevante aquilo. Mas eu coloquei porque eu achei engraçado, e ficava sempre querendo fazer graça, (*risos*) o que era terrível, e as pessoas não gostavam muito. Ele ficou muito “puto” (*enfaticamente*). Ele começou a não querer mais deixar eu cobrir a Câmara, começou a fazer um movimento para que eu deixasse de cobrir, porque dizia que eu tinha inventado que ele tinha usado a expressão “negrada”, que jamais ia se referir aos negros... Ele já tomou outro lado, foi pra questão de cor, que não tinha nada a ver com isso. Era “negrada” como a gente fala: “Ei, negrada!”. Mas ele ficou “putaço”, tentou impedir que eu entrasse na Câmara, mas os outros vereadores me apoiaram e eu continuei lá. Acho que esse foi o caso mais clássico.

Jéssica Colaço – Como era a relação

com o editor de política, o Edison Silva, lá no Diário (*do Nordeste*)?

Adriana – (*ri*) É engraçado porque ele era muito sério, muito sisudo! Eu morria de medo dele, morria, morria de medo! Todo mundo morria de medo dele no jornal. E a gente chamava, sem que ele soubesse, de Bonitão, que ele ia trabalhar todo... Todo assim pronto, com calça branca, blusa branca, carro branco, era todo... (*risos*). Ele ficava lá no computador, chegava, ia direto para o computador. Os editores tinham computadores que eram só deles, mas os repórteres podiam mudar. Eu sentava o mais longe o que eu pudesse dele porque eu morria de medo, ele era muito sério. Não era uma relação muito aberta, não. Era uma relação de distanciamento. E aí, sim, talvez pesasse o fato de eu ser mulher, porque, com os outros repórteres, ele tinha uma relação um pouco mais aberta, fazia aquelas piadinhas machistas, essas coisas de homem, né? E comigo ele já ficava mais sério, preservava uma relação chefe-profissional. Mas ele era uma pessoa muito cordial comigo, apesar disso.

Jéssica Welma – Você sentia limitações na editoria de política?

Adriana – Havia várias. Porque a editoria política do Diário tinha uma característica que era... Primeiro, os repórteres não assinavam as matérias. Todos os outros repórteres das outras editorias assinavam e na política ninguém assinava. Todo mundo quer assinar matéria no jornal. Nós ficávamos muito escondidos, era até difícil manter, às vezes, uma relação com a fonte, porque ela não sabia como era que você tinha publicado, não tinha como saber se aquela matéria que tinha sido publicada tinha sido feita por você. Essa era uma limitação muito clara. E era muito chato isso. Havia outras limitações que eram... Limitações da forma, da metodologia do trabalho. Por exemplo, eu cobria a Câmara e eu tinha de todos os dias ir pra Câmara, independentemente de não acontecer absolutamente nada. Então, às vezes, segunda-feira, que é o dia que todos os vereadores estão... Sei lá, trabalhando nas bases, eu ficava lá na Câmara e eu ficava louca, pro-

A ideia, ao sugerir o nome de Adriana, era trazer uma ex-aluna da UFC que tivesse participado da Revista Entrevista. Somente depois da escolha, descobrimos que a edição de que Adriana participou não foi publicada.

Das três meninas que gostariam de produzir a entrevista (Ingrid, Jéssica e Yohanna), Ingrid teve o companheirismo de abrir mão da produção para que a Jéssica não precisasse sair já que havia sugerido o nome.



curando o que fazer. Às vezes eu inventava: "Fulana foi vender pão e o guarda barrou". Isso já levava como matéria. Isso não é matéria em lugar nenhum, mas eu tinha a obrigação de trazer uma matéria, todos os dias, da Câmara Municipal. Inclusive no recesso legislativo, que era mais surreal. Os vereadores estavam todos, sei lá, na praia, e eu tava lá, sozinha. Às vezes eu tinha até medo (*risos*), porque não tinha ninguém e eu tinha de arrumar alguma coisa para fazer. Essa era uma limitação que é uma metodologia muito equivocada, não sei se ainda usam essa metodologia. Se usarem, tá bom de fazerem uma revisão.

Jéssica Colaço – Quando você estava na editoria de política ainda, você sugeriu à Marlyana Lima, que na época era editora de reportagem especial lá no Diário, você sugeriu uma matéria diferente sobre o IJF, o Instituto José Frota (*maior hospital de emergência em todo o Estado*). Por que você sugeriu essa reportagem, como era a essência dela?

Adriana – Mas eu tava na editoria de política ainda?

Jéssica Welma – Segundo a Marlyana, sim.

Adriana – Eu não lembro... É porque o seguinte: depois de um tempo cobrindo a Câmara, eu fiquei de "saco cheio", (*falava*): "Não aguento mais a Câmara, todo dia é a mesma coisa!". O meu chefe, o Bonitão, me mandou para a Assembleia. (*risos*) É mais forte do que eu, não consigo chamar de Edison Silva. E eu fui cobrir a Assembleia, mas era rigorosamente a mesma chateação de cobrir a Câmara, eu já estava de "saco cheio" e eu falei: "Ah, eu quero fazer reportagem. Não quero mais ficar só fazendo relatório". Que no fundo era o que nós, repórteres de política, fazíamos, éramos taquígrafos. Assistia à sessão: "Ah, é porque a agricultura... não sei aonde, em Quixeramobim (*interior cearense*) tá uma desgraça", a gente fazia matéria sobre isso. Éramos quase taquígrafos, a gente não ouvia o outro lado, a gente não vivenciava os fatos, e eu comecei – embora eu tenha gostado no começo –, depois de um tempo já estava achando isso muito aborrecido e

Adriana foi indicada, em março, como editora da *Playboy*. Após a escolha, descobrimos que ela havia saído da *Playboy* para a Cláudia havia poucos dias, o que nos deixou mais empolgados pela mudança contrastante de linha editorial.

queria fazer reportagens. Falei para a Marlyana, que era a editora de reportagem. Mas eu achava que eu já tinha ido para lá... (*para a editoria de reportagem*). Bom, mas eu sugeri à Marlyana uma matéria no IJF, porque eu tinha grande fascínio por emergência médica, isso antes de House (*série de televisão norte-americana de drama médico*), antes dessas coisas, achava fascinante. Tanto que, se eu tivesse virado médica, eu ia trabalhar na emergência, porque eu acho que é onde é mais bacana. É onde tem adrenalina e tal. Eu pensava: "Pô, deve ser legal passar duas noites acompanhando a rotina do IJF, que deve ser punk, deve chegar gente com faca na cabeça... Imagina contar os bastidores, quando a pessoa chega, como o médico lida com aquela emergência, se o cara morre, como comunica à família e pra onde vai o corpo. Comecei a achar que tinha uma história ali, sugeri à Marlyana, por sorte ela topou, e aí fomos eu e o Felipe Abud, que era fotógrafo, e passamos duas ou três madrugadas no IJF, não sei ao certo. Cara, foi demais (*com ênfase*)! Foi um tesão fazer isso! Na época eu não tinha filhos, então eu consegui lidar com essas questões de uma forma mais tranquila. Hoje eu não faria isso, porque, depois que a gente vira mãe, a gente fica com a sensibilidade muito mais aguçada, não consegue ver algumas coisas, que dói muito. Mas a gente foi na UTI infantil e acompanhava, e ia atrás de saber por que aquelas crianças estavam ali, o que tinha acontecido com elas. E a gente foi num lugar onde, às vezes, chegava indigente e não tinha onde colocar os corpos, ficava esperando a família aparecer e tinha uma geladeira onde colocava os corpos... Era tudo muito fantástico pra mim. Eu achei aquilo fascinante. E a gente fez uma matéria que ainda ganhou um prêmio. Prêmio Cidade Fortaleza. Mas foi ótimo, foi a primeira grande matéria que eu curti fazer mesmo. Foi bem bacana.

Gabriela – Quais foram as principais dificuldades que você teve fazendo essa matéria?

Adriana – Na verdade, nem foi tão difícil. Porque eu fiz uma negociação prévia com um cara que era um "chefão" do IJF, não sei qual era o cargo dele, mas era um chefão que me facilitou completamente as coisas. Ele me levava pra onde eu queria. "Eu quero ir ver defunto na geladeira", ele me levava. "Quero ver as crianças na UTI", ele me levava. Ele foi meu anfitrião durante esse período. Ele liberou completamente as portas. Nesse aspecto, foi muito fácil. Talvez a dificuldade tenha sido mais emocional, porque eu lembro que teve uma situação em que a assistente social ia contar para a mãe que o

filho tinha morrido. E eu fui com ela para ver como contava isso. E é foda, né? Você fica mal. As dificuldades foram mais de ordem emocional, para lidar com aquelas intempéries todas, do que de ordem logística. Era fascinante pelo aspecto jornalístico, humano, mas era meio... Barra pesada! Mas, mesmo assim, foi bem bom (ri).

Ingrid – Qual foi a importância desse prêmio que você conquistou?

Adriana – Foram os três mil reais que eu ganhei (risos). Só isso (risos).

Gabriela – Mas, no início da sua carreira, teve alguma representatividade grande? Gerou alguma perspectiva para você?

Adriana – Nenhuma. (risos) Até porque demoraram horrores para nos pagar... Não, não teve. Eu acho que essas coisas não têm muita importância no final. Não aconteceu rigorosamente nada depois disso, por eu ter ganho o prêmio. Acho que não. Lembro que eu fiquei muito feliz porque era um dinheiro bem bom e tal, mas acho que não...

Ingrid – Além desse prêmio, você conquistou outros prêmios?

Adriana – Ah, teve um outro prêmio que foi... Que eu ganhei com a Marlyana e com a Neila Fontenele (atualmente editora-adjunta de economia no *O Povo*), que foi uma matéria que a gente fez sobre o Finor (*Fundo de Investimento do Nordeste*), que era o prêmio Fiat Allis de Jornalismo Econômico. Eu não entendo nada de economia (ri). Como prêmio é uma fajutice, né? Ganhei um prêmio de jornalismo econômico e eu não sei nem gerenciar minhas contas, quanto mais entender de economia. Mas a gente viajou pelo Nordeste, na época tinha um escândalo do Finor, que era o desvio de recursos da Sudene (*Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste*). E a gente foi visitar as obras que tinham sido abandonadas. E foi bem legal também. Viajamos eu, o Eduardo Queiroz, que era o fotógrafo, e o motorista, cujo nome eu esqueci agora. A gente viajou num carrinho 1.0, sem ar-condicionado, pelo Nordeste. Foram condições bem adversas, mas foi bem bom. Foi muito divertido.

Aline – De todo esse tempo que ficou no Diário do Nordeste, qual foi a matéria que mais marcou você?

Adriana – Foi essa do IJF. Tem outra que eu gostei muito de ter feito, até te respondi no e-mail (para *Jéssica Welma, da produção*). Teve uma época em que aconteceu uma tragédia terrível. O correspondente do Diário do Nordeste, em Sobral (*município na Região Norte do Estado, cerca de 250km de Fortaleza*) perdeu o filho, que eu acho que tinha cinco anos e foi – é uma história esquisita – foi comido por um leão de circo

(No dia 18 de maio de 1997, em Tianguá, o garoto José Vinícius Silva Aguiar, de quatro anos de idade, foi atacado e morto por um leão quando se encontrava numa locadora de vídeo. O domador circulava pelas ruas da cidade com o animal, preso apenas por uma corda de nylon, numa camioneta). Foi horrível, foi uma história muito trágica. E eu fui cobrir a licença do... Qual era o nome dele? Edilson Silva, eu acho. Ele ficou de licença pela tragédia, e eu fiquei no lugar dele durante 15 dias, lá em Sobral, junto com a Neysla Rocha, que era fotógrafa e era minha grande parceira.

E a gente não tinha muita coisa para fazer em Sobral e a gente pensou: “Ah, vamos vasculhar essa cidade”. A gente sempre queria fazer uma matéria de madrugada, porque achava que eram os horários que as coisas rendiam mais. E o motorista de Sobral ficou puto, falou logo: “Eu não vou trabalhar de madrugada, meu horário é de oito as seis”. Eu lembro que a gente ligou para a redação do Diário e pediu autorização para eu dirigir o carro e virar motorista (risos). E deram, muito gente boa, deram a autorização, e eu e a Neysla, a gente saiu oito da noite atrás de matéria, no carro do Diário. A gente foi na fábrica (de calçados) da Grendene. E, na porta da Grendene, a gente viu várias crianças mesmo, assim 10 anos, 12, 13 anos, meninas, e tinha um menino – um meninozinho homossexual –, que faziam programas com os motoristas que vinham do Rio Grande do Sul despachar os calçados na Grendene. E a gente pensou: “Pô, essa é uma puta matéria”. Tinha uma menina que tinha 13 anos e tinha tido um filho com um cara de 63, eu acho. E ela tava toda roxa, toda roxa, pegou uma doença venérea terrível. Não lembro se ela chegou a ter o bebê, ou se perdeu, mas era uma tragédia. Esse menino que era homossexual, ele era o cafetão das outras crianças. Ele fazia programa, mas ele agenciava todas as outras meninas, e era um valor irrisório. E a gente fez uma matéria sobre isso. Essa matéria repercutiu bastante na época.

Jéssica Colaço – Depois que você trabalhou no Diário, você foi trabalhar na



Ao procurar o nome de Adriana no Facebook, Jéssica tinha alguns amigos em comum com ela. Entre eles, a jornalista Neila Fontenele, que nos contou as primeiras histórias sobre Adriana e nos passou os primeiros contatos.

O professor Ronaldo Salgado também ajudou a encontrarmos o primeiro contato de Adriana, já que conhecia o esposo dela, Lira Neto, que ficou muito feliz com a escolha.

Lira Neto também já foi entrevistado pela Revista Entrevista, na edição de número 9, mas na época ainda não tinha vínculos com Adriana.

revista *Veja* (revista semanal brasileira, criada em 1968, publicada pela Editora Abril). Como é que foi esse processo de transição do Diário para a *Veja*?

Adriana – Você quer dizer... Como eu fui parar na *Veja*?

Jéssica Colaço – Isso. Como é que foi: indicação, seleção?

Adriana – Não, foi uma grande sorte que eu tive, porque, na época, a *Veja* tinha correspondentes em Recife, (em) Salvador e não tinha em Fortaleza ainda. E era época de eleição, eles queriam arranjar alguém e tal para fazer uns "freelas" (termo para denominar trabalhos de profissionais autônomos)... Basicamente para fazer "freelas". E a Gisela Sekeff, que era correspondente da *Veja* em Recife, ligou para a redação do Diário do Nordeste. Ligou assim no escuro, sei lá, viu "jornais Fortaleza, Diário do Nordeste", ligou, na época ainda era a Giovanna Cabral, que era editora do *Eva* (caderno semanal para o

por uns tempos. Eu aceitei, pedi demissão do Diário, e fiquei fazendo esse período de testes pra *Veja*, trabalhava de casa. Isso foi em dezembro de 2000. Quando foi em abril de 2001, eles me contrataram.

Fernando – Você acha que arriscou, saindo do Diário e indo para um "freelancer" para a *Abril*?

Adriana – Ah, arrisquei. Arrisquei. Mas acho que a gente tem de arriscar mesmo, não tinha filhos, não tinha grandes compromissos. Se não desse certo também, eu ia pedir emprego de novo lá, não tinha essa não. Foi um risco, claro, mas um risco calculado, porque eu sabia que eu tinha chances de ser contratada. Porque eu sabia que eles estavam gostando da forma como eu trabalhava, e eu queria muito ir para a grande imprensa. Então, eu me joguei nessa, eu dei o sangue, sabe? Foi um risco que eu sabia que eu tinha grandes chances de ser bem-sucedida ao final da aventura, e deu certo.

"Eu queria fazer grandes reportagens, queria ir para outro lugar. Eu não queria continuar aqui porque eu achava que aqui não havia espaço para isso".

público feminino). E ela chegou assim: "Ah, eu queria uma indicação de uma pessoa para fazer um 'freela', alguém que goste de política". Ela falou: "Ah, tem a Adriana e tal". Passou meu telefone para a Gisela, a Gisela me ligou e falou: "Você pode fazer um 'freela' para a *Veja*?". Eu falei: "Opa, posso demais!". Era um "freela" sobre candidatos a vereador que estão enrolados com a Justiça. Eu fiz o "freela" para a Gisela, e já estabeleci meu contato com ela, mas logo depois, para minha grande frustração, eles mandaram um cara de São Paulo para cá para virar correspondente. O cara tinha saído do Curso *Abril* (*Curso Abril de Jornalismo*) e tal, e o cara ficou aqui trabalhando. Só que o cara não conhecia nada de Fortaleza, não sabia nada, onde eram os bairros, quem eram as pessoas e era um cara muito inexperiente, tinha acabado de sair da faculdade também. Então ele só me ligava o dia inteiro, porque ele já tinha feito a seleção com a Gisela e ela falava: "Olha, liga para a Adriana que ela te orienta". Ele passava o dia inteiro me ligando e eu não aguentava mais. Eu tirava as dúvidas, e eles começaram a achar que tinha alguma coisa esquisita ali, o pobre do menino rodou e me chamaram para ficar no lugar dele. Era só para fazer um teste como "freela" ainda,

Ingrid – Na sua carreira, qual era o seu sonho? Aonde você almejava chegar?

Adriana – Eu nem sei direito, sabe? O que eu sempre quis foi fazer grandes reportagens, mas eu não sabia... Eu queria fazer grandes reportagens, queria ir para outro lugar. Eu não queria continuar aqui porque eu achava que aqui não havia espaço para isso. Ou eu ia trabalhar no Diário do Nordeste, ou no jornal *O Povo*, e eu ia ganhar mal porque se paga muito mal nos jornais aqui. E eu queria grandes aventuras, queria fazer matérias fora, queria vivenciar o jornalismo de uma forma mais intensa. Eu já sabia desde sempre que eu tinha de ir embora. O meu sonho era fazer reportagem. Fazer reportagens escritas. Onde me quisessem, onde me pagassem, onde tivesse estrutura para isso. Mas eu não tinha um lugar específico que eu quisesse ir não.

Vandecy – Você era correspondente da *Veja* aqui em Fortaleza, depois passou para Salvador e depois parou na *Veja* em São Paulo. Como foi a transição?

Adriana – Foi porque o seguinte: um rapaz que é (era) correspondente em Belém pediu demissão para ir fazer um curso na Inglaterra. E houve uma dança das cadeiras nas sucursais. Pegaram-me aqui de Fortale-

A primeira ligação para Adriana foi feita do telefone da coordenação do curso, que só permite conversas de até quatro minutos. A meta era receber um "sim" de Adriana antes de a ligação cair.

za, que eu já tinha alguma experiência aqui, pequena, *(e me levaram)* para Salvador. Eles pensaram assim: "Ah, já que ela é de Fortaleza, conhece Fortaleza, ela pode ficar em Salvador cobrindo também Fortaleza". Eu fiquei em Salvador e também tinha de observar o Ceará – quando era de Fortaleza, eu cobria também o Rio Grande do Norte e a Paraíba. Eu fui para a Bahia e cobria Bahia, Rio Grande do Norte, Paraíba e... Sergipe. Eu só acumulei funções. Fizeram um rearranjo, e a vaga do correspondente que foi para a Inglaterra foi fechada e eu fiquei em Salvador com essa incumbência de cobrir uma parte do Nordeste. Depois, a moça que era correspondente de Recife saiu, e eu peguei também Pernambuco e os outros estados que eram dela, e eu fiquei sozinha cobrindo o Nordeste todo lá em Salvador. Havia um editor que cuidava das sucursais, cuidava também de uma editoria chamada Guia, em

muito trabalhar na *Playboy*. Não é que fosse um sonho, né? Mas eu sempre gostei muito da *Playboy*. Eu chegava na Abril, ficava no elevador, via ali a relação das revistas e pensava: "Poxa vida, tem tanta coisa que eu posso fazer aqui, além de trabalhar na Veja. Trabalhar na *Playboy* deve ser muito bom! Deve ser demais trabalhar na *Playboy*. Fazer aquelas entrevistas e fazer matéria de sacanagem..." *(risos)*. Eu ficava viajando com essa coisa de ir para a *Playboy*. Durante a licença-maternidade teve um – é um nome horrível para a gente que é do Ceará, chama-se PRI. Eu só me lembro de "priquito" *(gíria cearense que se refere ao órgão sexual feminino. Nesse momento, todos caem na gargalhada)*. Eles não entendem por que eu acho esse nome engraçado *(risos)*. Surgiu um PRI, que é Programa de Recrutamento Interno. Lá vai eu fazer o tal do PRI, que era uma vaga para a *Playboy*. Eu fiz o PRI, fui selecionada e

A primeira data para a entrevista com a Adriana foi marcada para o dia 19 de maio, mas a data coincidiu com o lançamento do livro Getúlio, do Lira Neto, e Adriana precisava acompanhá-lo durante o evento.



São Paulo. Ele teve um desfalque na editoria dele, que era o Maurício Oliveira, um jornalista que até hoje é meu amigo. Ele saiu da Veja para trabalhar numa editora de livros. E eles tinham de recolocar alguém na vaga do Maurício e resolveram me chamar. Falaram: "Ah, Adriana, então vem para cá" e mandaram outra pessoa para Salvador. Foi assim que eu fui parar em São Paulo.

Vandecy – Quanto tempo você passou na Veja São Paulo?

Adriana – Fiquei um ano em Salvador e eu fui para São Paulo em dois mil e... Dois? Em outubro de 2002. Fiquei pouco tempo, porque quando foi em maio de 2004... não, *(corrige-se)* fiquei um ano e um pouquinho. Maio de 2004 eu saí de licença-maternidade. Foi quando nasceu a Emília. Na volta da licença-maternidade, já fui para a *Playboy* *(versão brasileira da revista de entretenimento direcionada para o público masculino homônima americana. No Brasil, é publicada pela Editora Abril)*. Então, juntando tudo foram uns quatro anos. Uns três anos e meio.

Vandecy – Surgiu algum convite da *Playboy*?

Adriana – Não, na verdade eu queria

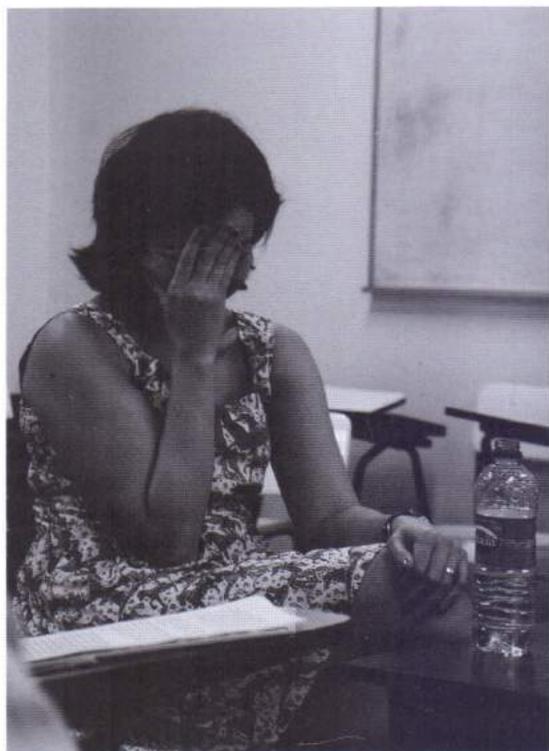
já fui para a *Playboy* logo depois.

Jéssica Welma – Adriana, e como foi a reação dos seus amigos, da família, quando você saiu da Veja e foi para a *Playboy*? Houve brincadeira, houve crítica?

Adriana – Ah, teve um. Eu tenho um tio, muito conservador, que ele falou assim – ele não falou para mim, mas eu soube porque me contaram em tom de fofoca: "Como a Adriana sai da Veja para ir para uma revista pornográfica?" *(risos)*. Eu soube disso, fiquei sabendo. Mas foi a única reação que eu soube mais... Conservadora e mais... Indignada. Mas os meus pais, se eles ficaram incomodados, eles não me falaram nada. Eu acho que eles acharam meio engraçado, no fundo. Isso é que é um detalhe interessante, eles nunca compraram nenhuma *Playboy* para ler as minhas matérias, em todos esses anos. Foram sete anos e meio, eles nunca compraram *(risos)*. Mas eu acho que isso... Eles nunca falaram assim: "Ai, que absurdo, Adriana, trabalhar na *Playboy*". Não disseram nada disso não. A mamãe falava assim: "Você vai trabalhar menos, né, Adriana, você vai descansar mais..." *(Como quem diz)* vou ficar procurando alguma vantagem *(risos)*. "Ah, você vai ter mais tempo para a sua filha..."

A produção sugeriu a Adriana que a entrevista poderia acontecer na casa da mãe dela, se ela preferisse. Ela respondeu: "Ah, não, na casa da minha mãe *no way*. Vou ficar com vergonha de falar "baixaria".

Além do desafio de conseguir as passagens aéreas pela UFC, a produção ainda teve de buscar a liberação da prefeitura do Centro de Humanidades para utilizar a universidade no sábado.



(e eu falava): “Ê, mamãe, não é só isso não”. Os meus amigos, os jornalistas não acham, de uma forma geral, isso... Muito... Muito exuberante, não acham nada muito absurdo trabalhar na *Playboy*, porque já sabem como é o mercado. Mas o Lira que se divertia mais com isso, ele sempre ouvia piada dos amigos. Ele sempre falava a mesma resposta: “Ah, mas eu sou feliz, porque todo mês eu recebo lá em casa, e é minha mulher que traz”. (risos) Sempre essas piadinhas assim.

Aline – Como foi a transição da *Veja* para a *Playboy* no sentido do fazer jornalismo?

Adriana – Foi bem diferente. Quando eu cheguei na *Playboy*, era uma redação muito descontraída e eu ainda era muito travada. Eu lembro que às vezes o meu chefe vinha falar de umas pautas comigo eu ficava “ro-xa” de vergonha (esconde o lado do rosto com a mão esquerda). (risos) Subia aquela vermelhidão! (risos) E eu ficava ainda bem incomodada com alguns temas e tal. Aos poucos, eu fui percebendo que era tudo um jogo e depois ficou natural até para mim. Mas teve uma primeira situação muito constrangedora: tinha uma reunião, na época, reunião de crítica. A revista saía, a redação inteira se reunia para “meter o pau” na revista (criticar). Então (perguntam): “O que você não gostou?”. Fulano (responde): “Ah, eu não gostei disso”. Eu lembro que era a edição da Mel Lisboa (atriz), que foi capa de agosto de 2004. Todo mundo, muito sério, falava assim: “Não, mas o que é essa foto mostrando os grandes lábios da Mel? Não dá!”. (risos) E eu (pensava): “Nossa, que

conversa louca é essa?!”. E eu fiquei muito sem graça, todo mundo tratando como se fosse a coisa mais natural do mundo. No começo, eu ainda ficava meio constrangida com esses temas, mas, além disso, eu tinha uma tendência a sempre querer levar temas muito sérios para a *Playboy*. Porque, quando eu fui para lá também, uma das razões era que os chefes da *Playboy* queriam que levasse algum fôlego de reportagem. Eu tinha de incorporar ali o personagem da pessoa que ia trazer temas relevantes, eu ficava sempre preocupada com os grandes temas, economia... Nós, jornalistas, temos uma tendência a achar que política e economia são os temas nobres... Uma bobagem, não é nada disso. Eu achava isso na época. Eu ficava sempre pensando: “Áh, vamos fazer uma matéria sobre eleição, sobre a campanha...”. Isso até fiz, mas antes eu ficava muito obcecada por isso, porque vinha da *Veja*, mas depois eu relaxei.

Yohana – Adriana, você quebrou preconceitos que você tinha quando entrou na revista?

Adriana – Na *Playboy*? Mas eu não tinha preconceito contra a revista.

Yohana – Não em relação à revista, preconceitos que você tinha em relação à sexualidade ou algo desse tema. Quando você foi fazer reportagens, você quebrou esses preconceitos?

Adriana – É... (pensativa) Não sei se era bem preconceito. Havia um desconhecimento meu sobre vários temas e vários universos que eu aprendi na *Playboy*. É... Talvez fosse preconceito mesmo! Vou dar um exemplo. Eu achava que as pessoas que faziam suruba e orgias e afins, eram todas umas devassas ensandecidas que pensavam em sexo o dia inteiro. E eu descobri lá que não. Também fiz até uma matéria que se chamava “Suruba é coisa de família”, porque... Foi exatamente o impacto que eu tive ao perceber que eu fazia um julgamento, como a maioria das pessoas faz, de que as pessoas que frequentam a casa de suingue e fazem orgias são todas umas descontroladas, têm uma vida pessoal completamente desmontada. Com isso eu percebi que não, que eram pessoas como todos nós aqui somos. São pessoas responsáveis, com suas obrigações e isso foi algo que eu percebi ali, fazendo matéria para a *Playboy*. E certamente era um preconceito mesmo, né? Então foram, de fato, quebras de preconceito no sentido de que eu tinha um conceito pré-estabelecido sobre algo que eu não conhecia.

Jéssica Welma – A sua primeira entrevista na *Playboy* foi com o ator José Wilker, não é? Qual foi o maior desafio de iniciar nas tão

A conversa com Lira Neto sobre a Adriana foi bastante divertida e contou com o apoio do professor Nonato Lima, que conseguiu um horário na Rádio Universitária para que a produção gravasse a entrevista.

famosas entrevistas da *Playboy*?

Adriana – Nessa primeira entrevista, eu fiquei muito nervosa porque a gente tem, na redação da *Playboy*, um documento que é “Como fazer uma entrevista da *Playboy*”. É um documento que fala: “Você tem que ler todos os livros, todos os filmes, você tem que sair da redação com “zilhões” de perguntas”... Eu fiquei obcecada por esse tal desse José Wilker nas semanas que antecederam a entrevista. Na época, ele fazia um personagem numa novela, que era o Giovanni Improtta (*personagem da novela Senhora do Destino, transmitida pela Rede Globo em 2004*), acho. Eu via essa novela o tempo inteiro e fui ver os filmes que ele havia participado e fiquei obcecada, só pensava nesse homem. Eu fiz a pauta e fui pra entrevista, ainda que eu estivesse preparadíssima, (*estava*) muito nervosa, porque você chega pra uma pessoa que você nunca viu na vida e vai tratar dos temas os mais íntimos. Vai ter de perguntar pra ele sobre sexo, sobre primeira vez, sobre os defeitos dele. É muito desafiador nesse aspecto, você tem de ter um jogo de cintura que eu não tinha porque eu nunca tinha feito nada parecido. Então ali o grande... A sua pergunta era quais eram os grandes...

Jéssica Welma – Os desafios mesmos.

Adriana – O desafio era este mesmo: era como eu ia conseguir introduzir todos aqueles temas sem que ele me enxotasse da casa dele ou sem que... Ou então que ele não respondesse nada de interessante. Porque são muitas páginas. Se o cara falasse um monte de bobagem de assuntos mornos, eu não tinha como preencher as páginas da entrevista. Como era a primeira vez, eu tinha uma série de medos. Eu fiz a primeira entrevista muito nervosa, eu sei que ele percebeu que eu estava realmente nervosa. Só que eram duas sessões, na segunda, eu já estava mais relax, e ele também, aí deu tudo certo. Eu fui aos poucos pegando a manha.

Aline – Às vezes, a gente se questiona se é certo se envolver emocionalmente ou não... Como você vê esse ponto? Você já se envolveu em alguma entrevista? Você acha errado, acha certo? Você deixa se levar pelo entrevistado?

Adriana – Olha, se envolver emocionalmente... Eu acho que é importante que haja um envolvimento emocional, pelo menos... Depende muito do tipo de entrevista. Uma entrevista técnica certamente não exige isso, mas numa entrevista pessoal, eu acho que é preciso que haja certo envolvimento. Você tem de se apaixonar. Não digo se apaixonar no sentido da paixão, de querer dar pra pessoa, não é isso, não. Paixão no sentido de se

deixar fascinar pela pessoa no bom e no mal sentido, o personagem tem de ser instigante pra você, e isso demanda um envolvimento emocional muito forte. Todas as vezes em que eu me envolvi emocionalmente, em que eu fiquei fascinada pelo personagem, obcecada, a entrevista rendeu mais do que quando que fiz no “piloto automático”. Agora esse envolvimento emocional tem de servir pra que você extraia do entrevistado... É muito pretensioso dizer isso, mas (*para que*) você tente extrair a alma do entrevistado. Você não pode, pelo envolvimento emocional, se tornar uma pessoa acrílica. O envolvimento emocional tem de fazer com que você consiga atingir a alma ou despertar o que existe de mais humano no entrevistado, mas com sua postura crítica preservada. Não dá pra você virar um fã, por exemplo, do entrevistado. Sempre procurei muito fazer isso.

Eu me envolvi emocionalmente com vários entrevistados, no sentido de ficar pensando – não pensando romanticamente, não é isso, não, mas de me envolver pela pessoa a ponto de sonhar com ela ou de ficar preocupada com ela depois. Mas eu acho que isso é bom. É bom porque o entrevistado percebe isso também, quando você abraça a causa. Eu acho que ele fica mais à vontade. Eu tenho um exemplo que foi o Jece Valadão (*ator e diretor de cinema brasileiro, falecido em 2006*). O Jece Valadão é um sujeito que entrou pra história como cafajeste, machista, um inimigo das mulheres, e eu fui entrevistá-lo. Fiz o dever de casa, vi os filmes dele. Eu já tinha achado que ele era uma figura interessante, ele não era o cafajeste que ele dizia ser ou que as pessoas diziam que ele era. Já achei que havia ali uma dubiedade que me atraía e ele confirmou isso. Ele era evangélico na época e, ao mesmo tempo em que ele era evangélico, ele tinha ainda a cafajestagem ali, dentro dele, mas era uma cafajestagem quase romântica, sabe? Ele era um personagem muito dúbio, que dava margem a muitas interpretações. Eu fiquei muito fascinada pela figura do Jece Valadão. Fiz uma segunda sessão com ele, depois a

“Eu lembro que, às vezes, o meu chefe (*da Playboy*) vinha falar de umas pautas comigo eu ficava ‘roxa’ de vergonha”.

Durante as pré-entrevistas, cada um dos entrevistados era questionado sobre qual pergunta gostaria de fazer a Adriana. Dentre eles, somente o Edison Silva disse que gostaria apenas de parabenizá-la pela profissional que é.

Por sorte, a produção conseguiu conversar com a Marlyana Silva no mesmo dia do Edison Silva. Marlyana foi uma das pessoas que mais contribuíram com as informações sobre o início da carreira de Adriana.

A produção conversou também com o amigo de infância de Adriana, Danilo Dantas. Cheio de boas lembranças da amiga, ele levou consigo uma fotografia dele com Adriana no tempo da adolescência.

gente começou a conversar sobre os filmes e sobre o sentido da vida... Daí já virou uma conversa mais... Ele contou dramas terríveis quando ele não tinha dez reais para comprar o almoço, uma época em que ele ficou no ostracismo. Eu fiquei muito tocada pelas histórias dele e percebi que ele não era... Que isso que tem de mais legal, que é quando você percebe que a pessoa não é a pessoa pública que ela pareceu ser durante toda a vida, quando você percebe que existe outro lado e esse outro lado que você percebe é o lado humano, é o verdadeiro. Uma coisa é o personagem que ele vendia para o cinema, para as revistas de celebridade, outra coisa é o cara que ficava em casa com a mulher, com os filhos e ficava balançado com a questão da religião e da vida mais bagunçada que ele tinha. Fiz a entrevista com ele, ele me deu o livro autografado... A gente realmente se curtiu, né? Logo depois ele morreu e eu fiquei muito mal, muito mal! Ele morreu durante o processo de transcrição do áudio. Foi um caso que houve envolvimento emocional, mas no bom sentido, porque eu acho que a entrevista ficou muito boa, muito verdadeira. Todos os defeitos dele estão ali. Todos não, mas os defeitos que ele me apresentou estão todos ali na entrevista. Eu não fui boazinha com ele, como ele até me pediu pra ser. Engraçado que ele até falou assim no final, no nosso último encontro. Ele falou assim: "Adriana, por favor, seja boazinha comigo". Foi a última frase que ele me disse. Logo depois, quando ele morreu, eu me lembrei dessa frase. Mas eu não posso atender a esse pedido dele, sabe? Não posso ser boazinha porque eu não estaria sendo jornalista. Eu até contei isso no abre da entrevista.

Mas eu acho que é isso: você tem de ter um envolvimento, mas você nunca pode

"O envolvimento emocional tem de fazer com que você consiga atingir a alma ou despertar o que existe de mais humano no entrevistado, mas com sua postura crítica preservada".

A irmã mais velha de Adriana, Alricéa Negreiros, percebeu, ao falar da irmã, que pouco havia participado do desenvolvimento de Adriana, já que existe certa diferença de idade entre elas.

perder a postura crítica e você nunca, em hipótese alguma, pode ser fã, pode ter um sentimento de idolatria em relação ao seu entrevistado. Ele sempre tem de ser visto com um ser humano normal, como você, como eu, que por acaso tem uma profissão que o torna uma pessoa conhecida, famosa e imensamente admirada – mas é só isso. Fora isso é um ser humano como todos nós, e por isso não podemos ter essa postura de idolatria. Até porque o cara percebe isso e "monta em cima" e aí manipula o entrevistado.

Ingrid – Sobre arrancar revelações, confidências... Tem alguma dica, algum truque para seduzir o entrevistado?

Gabriela – (*complementando*) Essa foi até uma pergunta sugerida pelo Lira Neto (jornalista, escritor e marido da Adriana).

Adriana – Ah, safado! (*risos*) Olha, acho que a primeira dica é aquela do Agostinho: você tem de criar uma empatia com o entrevistado logo no comecinho. Eu sempre me preocupo em fazer o seguinte: fazer com que o entrevistado esqueça que está dando uma entrevista, mas eu nunca esqueço que eu estou entrevistando. Esse esquecimento, essa impressão de que não é uma entrevista, é uma conversa tem de ser dele e não minha. Eu tenho de estar com todos os meus sentidos aguçados pra tudo que acontecer ali. E ele tem de ficar o mais à vontade possível e o menos preocupado com o processo. Quando a gente começou a usar gravador digital, ajudou muito. Quando eu usava fita, o cara já tinha esquecido que estava dando entrevista aí "pleft", a fita acabava. (*risos*) Ele lembrava, aí "ferrava", começava de novo, atrapalhava bastante. Com a digital é bom porque você põe lá e não tem interrupção. Eu acho que é preciso criar uma... É realmente um processo de sedução. Você tem de seduzir o seu entrevistado, ele tem de confiar em você, tem de saber que você não vai sacaneá-lo, isso é muito importante, e eu acho que é muito importante ser honesto com ele. Se ele estiver com alguma dúvida, você tem de dizer: "Não, não vou fazer isso, não é do meu estilo". A sinceridade é muito importante nesse processo de estabelecer uma relação de confiança.

No caso da *Playboy*, que é onde eu mais precisava disso, era fácil porque a *Playboy* tem um histórico de grandes entrevistas, as pessoas já conhecem o formato. Quando elas se dispõem a dar entrevistas, elas já sabem que a entrevista é reveladora, que elas já estão minimamente dispostas a revelar um pouco mais. Mas acho que o principal é isso: o principal é você fazer com que o entrevistado confie em você. Você tem de passar segurança pra ele. Se você está muito bem pre-

parado, você sabe tudo sobre a vida dele, ele já se sente muito mais amparado, ele sabe que você não é um idiota que vai escrever, sei lá, que o Fábio Barreto (*cinasta, produtor e roteirista brasileiro*) filmou *Cidade de Deus* (*filme brasileiro dirigido por Fernando Meirelles, em 2002*), você não vai falar isso, porque você conhece a obra do cara, porque você estudou a vida dele, você leu as entrevistas prévias, você sabe em que momentos ele se estressou por alguma questão. Então, se tem algum tema que seja delicado, você vai introduzir esse tema de uma maneira muito mais suave, com muito mais cuidado. Tudo isso faz com que o entrevistado ganhe confiança e, ao longo do processo, vá abrindo o jogo. Há coisas que são muito simples, umas coisas que eu sempre faço, por exemplo, eu nunca levo pauta pra entrevista. Eu sempre chego na entrevista com o gravador, ponho na frente da pessoa e pronto, e fico só conversando com ela. Quando ela vai banheiro – e eu torço pra que ela vá ao banheiro –, (*risos*) aí eu vejo se está faltando alguma coisa e guardo. Porque na hora em que eu estou olhando pro papel, ela lembra que está dando uma entrevista, então isso eu já não faço. O Ruy Castro (*jornalista e escritor brasileiro*) diz ele que nem grava, que lembra tudo depois. (*risos*)

Alan – A entrevista da Sandy (*cantora, compositora e atriz brasileira, com entrevista publicada na edição de agosto de 2011 da Playboy*) foi outra entrevista que gerou bastante repercussão. Você ficou preocupada em como conseguiria extrair algo tão íntimo dela antes da entrevista?

Adriana – Ficamos. A entrevista da Sandy foi o seguinte: todo mês de agosto, a *Playboy* tem uma edição especial de aniversário. E em 2011... Foi quando? Em 2010... (*Adriana tenta se recordar do ano exato da publicação, Alan e Vandecy ajudam a recordar*) É, foi em 2011. A gente não tinha ainda nome pro entrevistado, e a Camila Gomes, que é uma repórter lá da *Playboy*, sugeriu a Sandy, aí todo mundo: “Ai não, a Sandy?! O que é que a Sandy vai dizer?!”. O Aran (*Edson*

Aran, diretor de redação da Playboy), que era o meu chefe, falou: “Ah, tá bom, vamos trazer a Sandy, mas não vamos tratar a Sandy como uma boa moça, não. Vamos falar de sexo abertamente com a Sandy e tal. E tem de perguntar se ela faz anal”. Eu já falei: “Meu Deus!” (*risos*). Mas ele falou isso de uma maneira... Uma metáfora, assim... Era uma referência: “Temos de falar de sexo a ponto de poder perguntar se ela faz sexo anal, tem de ser algo tão íntimo...”. Não era uma determinação, assim, tão... Mas eu idiota achei que era uma determinação. (*risos*)

Definiu-se que íamos eu e a Camila, embora a Camila tenha sugerido, porque acharam que duas mulheres... Uma faria o papel da entrevistadora boazinha, a outra da má e tal. Uma ia perguntar uma coisa bem terrível e ela ia ficar “puta”, vinha a outra e amaciava, uma técnica assim pra coisa fluir. A gente ficava, eu e a Camila: “Como é que a gente vai perguntar essa coisa do anal? Como vai ser isso aí?”. A gente foi pra primeira sessão com ela, em Campinas (*São Paulo*), e foi uma tragédia. Eu lembro que eu falava assim: “Ah, vou começar pelo beijo, né?” Aí eu: “Sandy, e o primeiro...”. E a gente conversou sobre um monte de coisa, sobre o Chitãozinho, nem um pouco me interessava o Chitãozinho, mas eu falava pra ver se ela se animava. (*risos*) Chitãozinho e Xororó e tal e tal... “E o primeiro beijo?”. Ela: “Ai, não quero falar sobre esses assuntos”. Eu falei: “Pronto!”. (*risos*) Aí a gente: “Meu Deus!”. Encerrou a primeira sessão. Só que tinha fotógrafo, ela tava muito preocupada com o ângulo e tal, ela tava muito travada nas primeiras sessões. A gente pensou: “Meu Deus, não vai sair nada dessa entrevista da Sandy. Vamos desistir, vamos nem pra segunda sessão pra não perder tempo”. O Aran falou assim: “Cês vão e vão pro tudo ou nada. Cês chegam logo perguntando, vão nem com negócio de Chitãozinho e Xororó. Já chegam falando o que nos interessa”. Lá fomos eu e a Camila no carro pra Campinas: “Quem vai perguntar sobre sexo pra Sandy?” (*risos*). Na segunda sessão, ela estava mais solta porque não ti-

Por coincidência, Adriana ligou para o celular da irmã no momento em que a produção chegou para conversar com Alricéa. Não tinha como guardar segredo sobre as fontes para a entrevista.



Um dos nomes sugeridos por Adriana para a pré-entrevista foi o do chefe dela na *Playboy*, o Jefferson de Sousa, porém a produção não conseguiu entrar em contato com ele a tempo.

Mesmo sem um contato direto, Jefferson enviou uma mensagem para o Facebook de Jéssica, elogiando Adriana em poucas palavras que foram capazes de mostrar toda a admiração dele pela jornalista.

nha fotógrafo, ela estava mais à vontade e acordou num dia melhor. A gente começou a falar de sexo, no começo de uma forma mais romântica e tal, e ela foi se soltando. E algumas horas ela começou a perceber que a coisa estava ficando mais quente, já ficava, assim, mais travada... Mas eu lembro que eu perguntei assim... Eu falei: "Não, não vou perguntar se ela faz anal porque ela vai me dar um soco, né?". A gente começou a falar de filme de sacanagem e tal, e eu: "Ah, tem um mito de que as mulheres não gostam de sexo anal, que que você acha?". E aí foi que ela falou a famosa frase: "É possível ter prazer anal", e eu falei: "Pronto, e agora tá tudo resolvido já". Eu lembro que eu fiquei tão feliz que eu falei: "Preciso ir ao banheiro". Eu fui ao banheiro e mandei uma SMS pro meu chefe: "É possível ter prazer anal" (*risos*). Eu até falei pra ele depois: "Se você perde esse celular e alguém pega, vai ficar muito feio pra mim, né?" (*risos*). Tinha uma chamada, sem "a Sandy falou": "É possível ter prazer anal" e só. (*risos*) E foi assim, foi nesse jogo.

Vandecy – Em relação à repercussão, depois que a revista saiu, primeiro porque sai primeiro a capa e lá na capa tinha essa frase, né?

Adriana – Foi terrível. A Mariana (*refere-se à sobrinha*) acompanhou isso de perto, ela estava lá na (*Editora*) Abril comigo no dia. A gente estava na redação, e soltaram a capa da (*Adriane*) Galisteu (*modelo e apresentadora brasileira*) e tinha a frase, mas de repente começou um absurdo no *Twitter* (*rede social de compartilhamento de informações*), uma coisa louca e a gente: "Caramba!". A gente não tinha noção de que ia causar aquele impacto, a chamada de capa. Achava que era uma boa chamada, mas a gente realmente não previa que fosse causar tamanho furor. A assessora de imprensa da Sandy começou a me ligar feito uma louca.

"Toda pergunta pode e deve ser feita. Eu acho que não há tema proibido. O que acontece é que às vezes a pessoa não quer falar sobre aquele assunto, paciência."

A produção teve de vasculhar todo o site da *Playboy* em busca de matérias e entrevistas feitas por Adriana e, além disso, aguentar as brincadeiras de que ficavam vendo fotos de mulher pelada.

Ligou, sei lá, trinta vezes no celular. Eu falei: "Caramba, eu preciso me situar pra saber o que está acontecendo, eu estava meio nervosa com o impacto também, não sabia o que estava acontecendo direito, mas finalmente falei com ela, ela estava muito chateada. Ela falou: "Oi, Adriana, tudo bem?". Eu falei: "Tudo bem. E você?". Ela: "Não, comigo não tá nada bem" (*risos*) "O que é essa chamada de capa?". Eu falei: "Ah, fulana, mas a Sandy disse isso, sabe que a Sandy falou". Ela: "É, falou, mas é uma chamada sensacionalista e tal e tal". Eu falei: "Mas, olha, foi a Sandy que falou". Eu até dei esse exemplo: se fosse a Luana Piovanni (*atriz e modelo brasileira*) que tivesse dito isso, não ia ser chamada de capa, porque ninguém ia ficar surpreso com uma afirmação dessa. Mas essa é uma frase que expressa o teor da entrevista, até porque é uma frase polêmica, mas não era a única polêmica, ela falava que fazia strip-tease, que gostava de comprar "vibrador", que usava calcinhas de um jeito específico para o marido, gostava de filme pornô sem historinha... Era uma personalidade muito safada que aflorou ali que ninguém imaginava. A ideia da chamada de capa era mostrar que ali, naquela entrevista, você ia ler a Sandy falando coisas que ninguém imaginava virem dela. Tentei explicar isso pra ela, e ela não se convenceu muito, mas eu acho que depois ela própria relaxou, porque a Sandy começou a levar isso na brincadeira. No primeiro momento, eu acho que ela ficou meio assustada com a repercussão, mas depois ela começou a brincar com isso, acho que foi até interessante pra ela. Foi realmente um susto, foi o dia que eu fiquei assim: "Que é isso? O que foi que aconteceu?". Fiquei nervosa nesse dia, mas depois eu fiquei felizona. (*risos*)

Jéssica Colaço – O que é mais difícil numa entrevista? É o momento em que você está compondo a pauta, é a condução da entrevista em si, a edição? O que você considera mais difícil?

Adriana – Eu acho que são três processos muito importantes e igualmente difíceis, mas o processo principal é a condução da entrevista porque é preciso ter uma concentração absurda. Eu sempre termino uma entrevista com dor nos olhos, porque eu fico olhando tanto pra pessoa que eu nem pisco, sabe? Sabe quando a gente usa lente que fica o olho meio ressecado? É uma concentração muito grande. Eu até, às vezes, penso que são os únicos momentos em que eu não estou pensando nas minhas filhas, porque eu penso nelas o tempo inteiro, mas quando eu tô fazendo uma entrevista eu consigo não pensar: "Ah, será que elas estão bem na escola?". É um momento em que realmente eu

estou muito focado nisso. Isso é muito difícil porque, se você desconcentra por alguma razão e perde o fio da meada, às vezes, pra voltar... Tem vez assim, quando a gente faz entrevista que são vários entrevistadores – como é essa situação aqui, agora – se, por um acaso, falha, se der um branco, tem o outro pra socorrer, que foi o que aconteceu comigo no caso da Sandy. Quando é só você para conduzir, você não pode nunca desconcentrar, porque a pior coisa que acontece é quando o entrevistado termina de falar e você não sabe o que vai perguntar na sequência ou não lhe vem a pergunta. Isso desconcentra os dois. É aquela história: faz todo mundo lembrar que aquilo é uma entrevista. Então tem de ser uma concentração muito grande pra evitar esse tipo de situação e pra captar a linguagem corporal, pra captar os não-ditos que a gente percebe pelo olhar, pelas oscilações. Esse é o processo mais trabalhoso, mas eu acho ainda que a entrevista só fica boa, se ela for bem editada. Eu acho que a edição é essencial. A edição tem um grande desafio: na hora em que você tira tudo, faz o copião, e vai montar, a chance de você se enfiar no pensamento do entrevistado é muito grande. Então você tem de ter um bom senso, uma honestidade intelectual, uma percepção de que você vai montar... Porque a gente fica falando de forma aleatória. Pra que a entrevista flua, é importante “blocá-la”, que os assuntos, por mais que sejam editados, que deem a impressão pro leitor de que aquilo foi dito naquela sequência. Existe um grande desafio de você fazer isso sem corromper o pensamento do entrevistado, e isso é muito difícil de fazer. É preciso você ter muita atenção e não se pode fazer nenhuma concessão à fluidez em detrimento da honestidade em relação à pessoa que você está entrevistando. Esse é um grande desafio, talvez seja mais difícil do que conduzir a entrevista. Você juntar os temas, cortar, pegar uma coisa que fugiu daqui e colocar ali, tudo pra que o entrevistado leia e se veja ali, diga: “Não, eu disse exatamente isso”.

Jéssica Colaço – De toda essa trajetória de entrevistas que você fez, especificamente para a *Playboy*, como é que você avalia o seu amadurecimento como entrevistadora nesse modelo específico da *Playboy*?

Adriana – Eu acho que, no começo, eu ficava muito nervosa. Isso me deixava muito vendida para o entrevistado. Eu ficava muito tensa e eu não tinha ainda o jogo de cintura para entrar em alguns temas muito delicados. Às vezes, eu conduzia a entrevista quase me desculpando, o que é um terrível erro. Eu demorei muito a me convencer disso, mas agora eu estou convencida. Toda pergunta – eu



acho que eu falei isso pra você até (*Adriana se refere à resposta dada à produção na pré-entrevista ao ter sido perguntada se havia algum assunto sobre o qual ela não gostaria de falar*) –, toda pergunta pode e deve ser feita. Eu acho que não há tema proibido. O que acontece é que às vezes a pessoa não quer falar sobre aquele assunto, paciência. Mas eu acho que você nunca pode chegar pro entrevistado, achando que algum tema é proibido e você não vai entrar nele porque é um tema delicado.

Eu cometi esse erro com a Maitê Proença (*atriz, apresentadora de TV e escritora brasileira*). A Maitê Proença tem uma história que foi a segunda entrevista que eu fiz. Ela tem uma história de vida muito trágica – não sei se vocês sabem – que o pai matou a mãe, ela viu. É uma história terrível, e ela é uma mulher já muito atormentada e certamente por isso, porque depois ela ficou sozinha com o irmão, ela tinha 12 anos, foi cuidar do irmão de oito... Eu fiz duas sessões de entrevista com ela e não falei desse assunto, porque eu fiquei com medo de falar, e ela ter um ataque e me jogar pela janela. Eu falei de forma muito indireta e ela própria falou do tema sem que eu perguntasse diretamente. Mas eu devia ter perguntado diretamente, não perguntei porque eu achei que era um tema tão delicado que seria desrespeitoso da minha parte tocar nele. Mas tanto não era que ela tomou a iniciativa de falar sobre isso. Então eu acho que não se deve temer. Eu temia isso, temia muito machucar o entrevistado no começo, tratar de temas, lidar com feridas que ainda são abertas. Hoje eu já não tenho mais esse medo, mas foi isso que me permitiu depois fazer outras perguntas pra outras pessoas e falar sobre assuntos que eu sei que são tabus pra elas. Quando elas percebem que você está perguntando de uma forma natural, elas tendem a responder, é engraçado isso. Outra coisa que eu percebi também, quando eu perguntava de maneira direta, elas respondiam na boa. Se você fica cheio de subterfúgios, sei lá, o cara é gay, e você fica: “Ah, como é sua vida amorosa?”... Não, pergunta logo: “você é gay?”, porque a pessoa já sabe

Devido à correria do fechamento da revista Cláudia, uma semana antes da entrevista, Adriana demorou alguns dias para responder as perguntas da pré-entrevista, o que deixou a produção ansiosa.

Para alívio da equipe, muitas coisas sobre as quais Adriana falou na pré-entrevista haviam sido incluídas na reunião de pauta. Poucos detalhes precisaram ser anexados posteriormente.

Na pré-entrevista, a produção perguntou à Adriana se havia algum assunto sobre o qual ela não gostaria de falar. Ela respondeu que havia, mas não diria, já que todo assunto pode e deve ser perguntado em uma entrevista.



que você não está querendo enganá-la, já sabe que você foi direto ao ponto e não se sente sendo feita de idiota, que eu acho que é uma coisa que acontece. Às vezes, você vai entrevistar um cara que tem uma história... Digamos que você fosse entrevistar o Fábio Assunção (*ator brasileiro famoso por atuações em telenovelas*) e todo mundo sabe que ele teve problemas com cocaína, e eu ficasse: "Ai, o que você acha da liberação...?". Não, pergunta logo pra ele, porque o cara vê que o jogo é transparente. Isso eu acho que foi um grande processo de amadurecimento. Esse foi o principal de todos.

Jéssica Welma – Adriana, segundo você nos contou na pré-entrevista, uma das suas reportagens mais difíceis foi sobre o projeto Luta pela Paz, realizada em 2005. Você foi a uma favela no Rio de Janeiro fazer uma entrevista com um lutador de boxe estrangeiro que ensinava boxe para os meninos da favela. Na época da publicação da reportagem, a jornalista Kita Pedroza criticou na Internet sua matéria, dizendo que ela "é um exemplar do que pode ser chamado de jornalismo destrutivo porque é uma reportagem que traz informações imprecisas, que distorce fatos, aumentando a dimensão para chamar a atenção do leitor". E, além disso, como você nos contou, o próprio lutador de boxe escreveu cartas para a redação, ameaçando entrar com um processo. Qual o seu posicionamento em relação a essa reportagem intitulada "Trocando armas por socos" (*reportagem publicada na revista Playboy em 2005*)?

Adriana – Essa foi um caso muito tenso, por motivo pessoal até. A Emília, minha filha mais velha, estava com sete meses, eu esta-

va amamentando ainda a Emília. O meu chefe, na época era o Ricardo Villela, que hoje é da Globo, do Jornal da Globo, falou assim: "Adriana, eu tenho uma matéria no Rio, mas é na favela, você topa ir?". Eu falei: "Topo", doida. (*risos*) Eu falei, mas eu fui perguntar aos meus amigos cariocas: "Você acha que é perigoso e tal?". Os meus amigos falaram: "Nããão, imagina, o pessoal aumenta muito, não é assim, vai e tal". E lá vou eu.

Era no Complexo da Maré, que não é um morro, é uma favela horizontal e no chão, já mais pra perto da Linha Amarela (*Avenida Governador Carlos Lacerda, importante via expressa do Estado do Rio de Janeiro*). Só que antes de ir tinha de negociar com o Luke, acho que era Luke Dowdney, que era o inglês lutador de boxe. Ele relutou muito: "Era muito delicado, porque tem tráfico de drogas, porque esses meninos saíram do tráfico, aí sabe como é que é, qualquer coisa que a gente chegar mais um menino desses pode morrer...". Era de fato um assunto delicado. Eu falei: "Luke, não se preocupe que a gente vai tratar do tema de forma muito responsável, a gente não vai denunciar que fulano é filho do dono da "boca" tal, a gente vai simplesmente contar uma história bonita de superação". Beleza, fui pro Rio, me encontrei com ele, ele nos levou até o Complexo da Maré. Ele queria que eu passasse três noites no Complexo da Maré, acompanhando as lutas. A gente foi conversando, ele me explicando isso – e eu nunca tinha ido a uma favela no Rio – "tem essa questão dos meninos e tal". E eu tudo bem, ouvi, assegurei que a matéria ia ser bastante respeitosa, como de fato foi, e a gente entrou no Complexo da

Adriana chegou de São Paulo às 11h50min do sábado, dia 26 de maio, para dar entrevista às 14h30min do mesmo dia. A entrevista aconteceu em uma sala de Audiovisual do Centro de Humanidade 2, no campus da UFC do Benfica.

Maré. O meu olhar inaugural de quem nunca tinha ido a uma favela no Rio foi muito mais forte do que talvez fosse para um repórter de Cidades do jornal O Globo (*jornal brasileiro, sediado no Rio de Janeiro e fundado em 1925*). Eu fiquei absolutamente chocada, porque tinham meninos mesmo. Essas coisas que a gente vê na televisão, mas a gente não fica tão chocada quando vê. Os meninos com fuzil... Eu falei: "O que diabos eu estou fazendo aqui, eu estou amamentando a minha filha, eu vou morrer nesse negócio, porque eu fui fazer isso?". Eu fiquei muito chocada mesmo. E os caras andando em moto, essas coisas de Cidade de Deus mesmo, de Tropa de Elite (*filme brasileiro de 2007, dirigido por José Padilha, que tem como tema a violência no Rio de Janeiro*), apontando o fuzil pela favela, e eu lá do lado desse cara, e o fotógrafo comigo. O fotógrafo tinha de esconder o equipamento porque, se soubessem que a gente era jornalista, sabe lá Deus o que ia acontecer. E eu fiquei completamente tomada pela aquela situação, e foram três noites. Cada vez que eu voltava, eu ficava mais impressionada com tudo, com o entorno, com a história dos meninos que lutavam boxe... Tinha uma menina que era muito violenta, que tinha um filho de três anos, tinha uma história muito trágica também, todos envolvidos com o tráfico... Aquelas crianças, todos sem infância... Eu fiquei muito abalada!

E a matéria puxou muito por isso, e ele não gostou, porque ele achou que eu expus demais. Quando eu falei que tinha crianças armadas, eu expus a comunidade inteira e tal. Houve certo exagero porque todo mundo sabe disso, o que eu falei não era nenhuma grande novidade. Só fiz questão de ressaltar isso porque não tinha como passar incólume. Até porque, se não fosse esse fato, o projeto não seria nem notícia. Se fosse um projeto pra ensinar boxe para os meninos da favela, tudo bem, ok. Mas o fato de serem aqueles meninos que convivem naquela situação de extrema violência e vão aprender a ser mais violentos ainda, teoricamente, aprendendo boxe... Eu acho que tinha um "caldo" ali que eu não podia ignorar. Quando eu escrevi, eu sabia que estava escrevendo algo que ele talvez não gostasse, porque ressaltava aspectos que ele queria que fossem deixados de lado, ele queria que eu ressaltasse apenas o lado positivo do projeto e tal e tal, sem entrar em maiores detalhes sobre o entorno... Mas eu não tinha como ignorar esse fato como jornalista. A situação ficou muito eloquente pra mim. Foi tenso. Logo depois eu entrei de férias, eu estava em Buenos Aires (*capital da Argentina*), e meu chefe mandou um e-mail:

"Adriana, que é isso, esse cara tá louco". Eu expliquei pra ele o que aconteceu. Ele falou: "Ah, beleza, vamos deixar ele entrar com o processo". Ele nunca nem entrou com um processo. Ele fez uns escândalos pela Internet, mas depois ficou comigo de boa.

Aline – Você fez reportagem em uma praia de nudismo e em uma casa de suíngue. Como você se sentia fazendo essas reportagens?

Adriana – Nas casas de suíngue, na verdade, foram mais de duas. (*risos*) Eu era "rata" de casa de suíngue. Mas, na praia de nudismo, foi o seguinte: era uma matéria de comportamento porque havia uma briga numa praia de nudismo no Rio de Janeiro, entre os naturistas de um lado e os "suíngueiros" de outro. Os naturistas são aqueles assexuados, que eu estava falando, pessoas... – mentira, não são assexuados (*risos*) – são pessoas que conseguem ficar nuas, ali, numa boa, sem ficar pensando em sacanagem e tal porque acham que é ostentação você se vestir, que você representa marcas, existe toda uma questão filosófica por trás do nudismo. E os "suíngueiros" queriam fazer sacanagem, queriam ir pra praia, aproveitar que estava todo mundo pelado e fazer troca de casais. Tinha uma briga danada entre eles, porque os "suíngueiros" começaram a invadir um trecho da praia que era dos naturistas... Começou uma briga, na época, pelo Orkut (*rede social de relacionamentos na Internet bastante utilizada no Brasil*). Eu comecei a negociar com o cara da sessão de nudismo pra ir visitar a praia e fazer uma matéria. O cara: "Não, tudo certo, tudo bem", já estava tudo negociado. Pouco antes de eu ir, ele falou assim: "Adriana, tem um detalhe, só entra gente nua na praia, então você não pode vir vestida". Eu falei: "Tá bom, fazer o que, né?".

Eu negociei com meu chefe pra que fosse uma fotógrafa e não um fotógrafo comigo, porque eu ia ficar mais envergonhada ainda.

"Tem de ser uma concentração muito grande (...) pra captar a linguagem corporal, pra captar os não-ditos que a gente percebe pelo olhar, pelas oscilações".

A entrevista de Adriana foi repleta de momentos de aprendizados sobre o jornalismo e de muitas risadas. Desde o começo, Adriana mostrou-se tão boa entrevistada como entrevistadora.

Durante a entrevista, alguns dos momentos que mais renderam risadas foram nos quais ela contou sobre a matéria na praia de nudismo e quando ela respondeu se posaria nua para a *Playboy*.

Pouco antes da entrevista, os alunos se lembraram de que Adriana contou que era fã da cantora de funk Valeska Popozuda que, por coincidência, faria show em Fortaleza no mesmo dia.

Eu pensei “Bom, pelo menos eu vou emagrecer pra não ficar tão mal”. *(risos)* Eu engordei quatro quilos de ansiedade. Comecei a comer feito uma louca, fiquei muito ansiosa e estava muito envergonhada. Fui pro Rio fazer a matéria e conheci a fotógrafa que ia fazer *(a reportagem)* comigo naquele mesmo dia. Até ela brincou: “Pô, Adriana, a gente acabou de se conhecer e já vai ter uma intimidade tão grande, vai ter de ficar pelada” *(risos)*. A gente foi encontrar o cara da associação de naturismo num posto de gasolina que ficava próximo à praia. Eu: “Ah, tudo bem” – nem lembro o nome do cara – “Vamos lá pra praia?”. Ele: “Vamos!”. A gente foi no carro, eu em pânico! O cara falou assim: “Pronto, chegamos na praia, agora é a hora de tirar a roupa.” Ele começou a tirar como se fosse a coisa mais natural do mundo. *(risos)* Eu falei: “Bom, tô aqui né? Tô na chuva é pra me molhar”. Eu e a Fernanda, a fotógrafa, tiramos a roupa e ficamos, assim, apavoradas. E o pior que eu estava pelada com um bloquinho na mão e uma caneta, ridículo! E ela com o equipamento fotográfico. Depois de uns 15 minutos, eu nem lembrava mais que eu tava pelada, porque tava todo mundo pelado como eu, né? Mas tinha umas cenas medonhas. Tinha um cara lá na praia um “sujeitão” assim: *(nesse momento Adriana faz um pose relaxada na cadeira como se fosse o homem na praia)*, pegando assim no “pau”. Ai o cara: “Vem cá, vou te apresentar aqui uma jornalista” O cara: “Ô, muito prazer”. *(Adriana simula o momento em que o senhor deixa de pegar no órgão genital e estende a mão para pegar na mão dela. Todos caem na gargalhada)*. Minha mão pesava uma tonelada depois. Essa foi difícil por isso, mas depois foi até uma coisa engraçada.

Nas *(matérias)* das casas de suíngue, eu ficava mais à vontade nas casas de suíngue, porque eu ia como observadora. As pessoas geralmente não sabiam que eu era jornalista,

“Eu falei: ‘O que diabos eu estou fazendo aqui, eu estou amamentando a minha filha, eu vou morrer nesse negócio, por que eu fui fazer isso?’”.

Ao final da entrevista, não pôde faltar a pergunta se Adriana iria para o show da Valeska Popozuda. Muita animada, Adriana respondeu que não, mas contou um segredo para a equipe.

e eu ia como se tivesse só olhando o negócio e tal. Entrevistava um e outro, já era bem mais sossegado. Sempre vinha algum fazer uma graça já que você tá ali. Também não dá pra ficar “puto” numa situação dessas. Lembro que uma vez eu fui com uma fotógrafa que ficou “puta”, o cara passou a mão na bunda dela. Ela: “Ai, que absurdo!”. Eu falei: “Que absurdo o que, minha filha, você tá numa casa de suíngue, não tem absurdo nisso”. Tem de ter jogo de cintura pra saber que ali isso pode acontecer. Mas, tudo bem, essa é parte boa, né? Porque você vê coisas e vivencia coisas que você não vivenciaria em trajes civis. O jornalismo nos dá essa imunidade para essas experiências.

Jéssica Colaço – E era você mesma quem escolhia fazer essas matérias ou eles a indicavam?

Adriana – Não, a praia de nudismo foi o meu chefe que me sugeriu fazer. A primeira vez que fui na casa de suíngue também foi o meu chefe que viu uma notinha e me passou, pediu pra eu fazer também. Depois ele viu que eu tomei gosto pelo negócio... *(risos)* Depois eu ficava procurando também porque é muito legal fazer matéria sobre isso, que é um universo que eu não frequento, não conheço, é tudo muito desconhecido, beira a antropologia fazer matéria desse tipo. Eu adorava fazer.

Jéssica Colaço – Gostava mais do que os outros assuntos mais ditos “sérios” pra fazer matéria?

Adriana – Não, eu gostava de variar. Assim, por exemplo, eu fazia uma matéria bem pesada sobre o assalto ao Banco Central *(crime que aconteceu no Ceará em 2005, quando uma quadrilha cavou um túnel desde uma casa próxima ao banco até o cofre)*, depois eu tentava fazer uma matéria de sacanagem que era leve, era tranquilo, e eu ia poder ter um texto um pouco mais solto, depois eu procurava fazer um assunto mais político... Eu me divertia muito nessas matérias porque geralmente eu ia com os meus amigos, a gente aproveitava pra se divertir de fato, não fazendo suíngue, *(risos)* mas a gente ria muito, porque era tudo muito engraçado. Era uma situação em que eu me divertia mesmo. As outras eu me diverti por motivos profissionais, nas “surubas” e tal, porque a gente realmente se divertia do ponto de vista pessoal, era bom por isso.

Jéssica Welma – Adriana, e se você recebesse um convite para posar nua para a *Playboy*, você aceitaria? *(Nesse momento a entrevistada e toda a turma caem na gargalhada antes mesmo de a pergunta ser concluída)*

Adriana – Eu não faria isso jamais com os

pobres leitores da *Playboy*. (todos riem por um tempo) Essa era a última pergunta, né, safada? (risos) A última é sempre aquela que a gente quer fazer.

Jéssica Welma – Não, Adriana! Mas e por qual motivo você decidiu sair da *Playboy* e ir para Cláudia?

Adriana – Ir pra Cláudia? Porque eu já estava há sete anos e meio na *Playboy*, fazia muito tempo, foi a revista em que eu mais trabalhei, e eu achava que os assuntos já eram muito íntimos meus. Quando isso acontece, não é bom pro jornalista. Quando você não tem aquele olhar inaugural sobre o tema, é ruim pra você como jornalista porque você deixa de ver novidade nas coisas. Você deixa de ter o olhar do leitor pra ter o olhar de alguém do metiê. Esse é um erro, inclusive, dos jornalistas de Economia que começam a tratar do tema como se falassem pra iniciados e não é verdade, as pessoas não sabem daquelas coisas, elas não entendem esses termos econômicos como vocês (*jornalistas de economia*). Eu achava que estava entrando nessa mesma armadilha na *Playboy*, os assuntos sobre sexo... Já nada pra mim era uma novidade, nenhuma bizzaria me chocava mais, eu já estava achando tudo muito óbvio. E até mesmo as entrevistas que eu adorava fazer, eu achava que já tinha desenvolvido uma técnica e eu já estava meio que montada naquela técnica, eu já não sentia mais aquele frio na barriga, aquele medo que eu sentia no começo. Eu achei que isso começou a fazer com que o trabalho, talvez, não ficasse mais tão interessante quanto era antes. Eu cogitei a possibilidade de mudar de revista, porque sete anos e meio também é muito tempo, né? Eu já não tinha mais tantas ideias para os entrevistados, já estava meio em crise, assim: "Ah, já tô meio cansada de fazer isso". Mas saí com o coração partido, saí arrasada, porque eu a-do-ra-va trabalhar na *Playboy*, mas eu sabia que era importante eu sair. Adorava a equipe, adorava os meus chefes, todas as pessoas de lá são meus amigos até hoje, eu almoço com eles quase todos os dias, e eu era muito feliz, é uma redação muito vibrante. Mas eu precisava sair porque eu tinha de fazer coisas novas. Fui pra Cláudia, eu estou animadona na Cláudia, amarradona também porque é tudo novo pra mim. Eu antes pensava sempre com o olhar de homem, eu era meio homem, agora estou pensando como mulher, finalmente, depois de tanto tempo. Então, a gente está em processo de reposicionamento editorial, tem muitas coisas que a gente pode fazer de nova, eu tenho tido muita liberdade. Eu tenho de encarar as pessoas de outra maneira, as celebridades, eu tenho de procurar outro

"Eu e a fotógrafa tiramos a roupa e ficamos, assim, apavoradas. E o pior que eu estava pelada com um bloquinho na mão e uma caneta, ridículo!"

viés em todas elas. Então eu tô nesse momento de frio na barriga, agora, na Cláudia. Quando eu vou fazer uma entrevista, um perfil de alguém, eu ainda estou meio insegura, sem saber se o que eu estou fazendo é o certo ou não, e isso é interessante.

Aline – E aí sua mãe vai ler a Cláudia?

Adriana – Agora mamãe lê. Ela assinou a Cláudia! (risos)

Fernando – Então, pra você, essa transição de veículos e estilos é importante pra conhecer o jornalismo?

Adriana – Eu acho que é essencial. Eu acho que não dá pra sentar a bunda na cadeira e esquecer, não. Eu acho que a gente tem de está sempre pensando em qual é o próximo desafio, porque senão o risco de você estagnar é muito grande. Já viu de tudo, já não vê graça em mais nada... Tem gente que é feliz assim, tem pessoas que estão há 20 anos no mesmo lugar, mas eu preciso desse sangue novo pra ter entusiasmo, senão eu começo a ficar cansada.

Alan – Diante de todo esse sucesso profissional...

Adriana – (interrompendo) Obrigada! (risos)

Alan – Essa rotina tão intensa... Como você consegue conciliar a Adriana jornalista e a Adriana no âmbito familiar?

Adriana – Acho que não dá pra fazer essa divisão. Acho que nós jornalistas somos como os médicos, a gente é jornalista 24 horas por dia. Eu acho que não tem essa: "Agora pronto, eu sou só mãe de família". A gente está o tempo inteiro pensando em pauta, vendo, sei lá, Discovery Kids (*programa infantil exibido em canais fechados de televisão*) com as minhas filhas e pensar: "Isso pode render uma pauta uma pauta boa pra Cláudia sobre crianças". Não tem como dissociar. Eu acho que uma característica da nossa profissão é que nós somos muito intensos como profissionais, talvez seja isso que tenha nos levado a escolher essa profis-

O "Funk do Lula", cantando por Valeska Popozuda, na verdade foi criação de Adriana. Segundo ela, a equipe da *Playboy* queria uma foto da Valeska na revista e pediram a ela para compor um funk para o presidente na época.

Segundo Adriana, a cantora escreveu um funk muito politicamente correto. Adriana acabou escrevendo outro e perguntando à Valeska se estava ok. Adriana confessou que Valeska nunca deu os créditos pela composição.

O processo de decupagem da entrevista pela produção foi bastante engraçado e trabalhoso. Engraçado porque muitos momentos rendiam boas risadas e trabalhoso porque Adriana fala bastante rápido.

são também. A gente não consegue relaxar e falar: "Agora...". Até de férias, até quando a gente vem tirar férias aqui, no Ceará, eu fico, às vezes, recortando o jornal O Povo e colocando na bolsa com ideia de pauta. Não tem essa divisão não, viu? Eu acho que seria meio esquizofrênico. Não é como um bancário que, encerrou lá o expediente, vai pra casa. A gente está sempre... Ainda mais agora com esse "diabo" desse iPhone com e-mail no celular. Eu tenho de tê-lo, vendo e-mails, respondendo... Não tem essa não, essa divisão.

Ingrid – Quando você olha pra trás, existe alguma coisa que você mais se orgulha na sua carreira?

Adriana – Eu me orgulho muito das entrevistas que eu fiz na *Playboy*. Tenho muito orgulho do conjunto delas. Acho que de tudo que eu fiz... É o conjunto, não alguma em especial, o conjunto me dá grande alegria. Até agora, é isso.

Gabriela – Você já fez matéria de política, de sexo, reportagem investigativa... Por muitas áreas você já passou. Com qual delas você se identifica mais?

Adriana – Eu gosto muito das matérias de sexo, muito mesmo, porque eu me divirto muito fazendo, mas eu gosto muito também de fazer também matérias de política. O que eu acho que eu gosto é de gente, independentemente de onde a gente esteja, seja na política, seja numa casa de suíngue, seja num banco, eu me interesse pelo ser humano. Isso eu descobri depois de algum tempo também. Eu pensava: "Mas que coisa louca, fico fazendo matérias de variados assuntos"... Até que eu percebi que tinham algo em comum, que geralmente essas matérias que eu faço são voltadas pra pessoa. Por exemplo, as matérias de política, a última que eu fiz foi um perfil do Tiririca (*humoris-*

"O que eu gosto é de gente, independentemente de onde a gente esteja, seja na política seja numa casa de suíngue seja num banco, eu me interesse pelo ser humano".

Ao mesmo tempo em que editava a entrevista com Adriana Negreiros, a produção teve de se dividir entre estudar a pauta para a entrevista com Ítalo e Renno e com Dom Giovanni.

ta e político cearense), ali era uma matéria sobre tudo, menos sobre política. Era sobre o Tiririca, sobre a pessoa que, por acaso, é um deputado federal. As matérias de sexo também. "Alice no país do suíngue" (*publicada em outubro de 2008 na Playboy*) era uma matéria sobre a Alice, sobre uma mulher, uma menina de classe média do Rio de Janeiro, que comandava uma casa de suíngue. Não era uma matéria sobre sexo, era uma matéria sobre as perturbações de uma pessoa nessa situação. De uma forma geral, é por gente que eu me interesse. Como há gente em todos os setores, isso faz com que eu acabe transitando por várias áreas.

Aline – Você entrevistou algumas pessoas daqui, do Ceará. Você acha que o fato de você ter estudado aqui, morado um tempo aqui, deu visibilidade a essas pessoas, ao Ceará?

Adriana – Eu acho que não, não por mim, quem dera que fosse! Eu acho que, como eu olho muito pra cá, por ser minha terra, eu sugiro muitas coisas sobre o Ceará. Até o Lira brincava assim: "Ah, você tá levando o Ceará pra *Playboy*". Teve uma edição que foi uma sequência: Seu Lunga (*Joaquim dos Santos Rodrigues, cearense, personagem do folclore nordestino devido às piadas atribuídas a ele. Foi convidado da Revista Entrevista na edição número 9*), Tiririca (*Francisco Everardo Oliveira Silva, cearense, humorista e político brasileiro. Em 2010, foi eleito deputado federal por São Paulo e é o segundo deputado mais votado da história do Brasil*), Aviões do Forró (*banda brasileira de forró eletrônico, formada no Ceará em 2002*)... Não lembro o que era a outra coisa. É óbvio que eu vou olhar mais pra cá, que é minha cidade. Converso muito com a minha mãe que sempre me fala as coisas que estão acontecendo, eu penso: "Ah, isso pode render uma pauta". Eu entrevistei o Tom Cavalcante (*humorista brasileiro, nascido no Ceará*), foi eu que sugeri o Tom Cavalcante, eu que convenci os meus chefes de que ele era um personagem interessante. Eu só sabia o quão interessante era o Tom Cavalcante porque eu sou daqui, eu já sabia da trajetória dele. Mas também, se eu fosse de Pernambuco, talvez eu fizesse o mesmo em relação a outro estado. Eu acho que é mais uma questão de visão mesmo. É bom porque as redações são muito "paulistocêntricas". É bom ter alguém de fora pra dar uma variada nos temas.

Yohanna – O que você indica para os estudantes de jornalismo que estão começando agora, que vão entrar no mercado de trabalho? Qual a dica que você tem para quem está começando?

Adriana – É difícil. (*risos*) Olha, eu acho

que há as dicas óbvias que são... *(pensativa)* Tem uma questão que é a seguinte: essa atual geração, a geração de vocês, é uma geração muito digitalizada, muito conectada, que está sempre por dentro de tudo que acontece no universo virtual, mas às vezes falta um pouco de densidade. E a densidade não se consegue sem concentração. Eu acho que é uma geração muito dispersa essa, e eu percebo isso pelos estagiários que chegam nas redações, pelo jeito que eles trabalham... É uma geração que está sempre muito ligada, mas não consegue se concentrar e aprofundar os temas, tem uma dificuldade muito grande de mergulhar nos assuntos. Talvez seja um traço da forma como vocês vivem, né? Essa coisa mesmo que eu falei do iPhone, de ver *e-mail* e tal. O conhecimento exige concentração e dedicação. Pra atingir o conhecimento, você precisa se dedicar a isso e focar nele. Jornalista sem conhecimento é um terror; tem jornalista que não se aprofunda, que fica sempre na superfície. O que é o grande barato da nossa profissão? É quando a gente sai da superfície, é quando a gente surpreende o leitor ou o telespectador, seja quem for. Se a gente não tem essa profundidade dentro da gente, é difícil transmitir isso pras nossas matérias. Acho que essa seria uma primeira dica.

A segunda talvez fosse nunca fazer concessões aos seus valores, independentemente do que te peçam pra fazer. Eu acho que isso não é um desafio, não. Eu acho que, na hora em que você não faz concessões aos seus valores, as coisas nas quais você acredita, não é virar militante, nada disso, não, mas são seus valores de honestidade, honestidade com as pessoas que você entrevista, com as suas fontes. É você manter uma integridade que preserva, que faz você ser um ser humano mais bacana, mais legal. Às vezes, não é nem por falta de caráter ou desonestidade, mas pelo calor dos acontecimentos, pela rapidez, muita gente acaba cometendo alguns deslizes de ordem moral ou ética e é muito importante ficar atento a isso pra não cometer esses escorregões. Acho que a gente não pode ter medo de se arriscar também, de assumir desafios que talvez pareçam um pouco maiores em alguns momentos, se você acha que tem condições de assumi-los. E também não pode assumir desafios tão grandes que você não possa realizá-los. Eu sei que é difícil encontrar esse peso na balança, mas eu acho que é isso. Eu posso ter viajado um pouco demais, mas... *(risos)*



Ao terminar a decupagem do áudio da entrevista, a produção tinha 50 páginas de transcrição. Hora de correr até o professor Ronaldo Salgado para algumas orientações sobre a edição.

Ao final de cerca de 15 dias, a produção concluiu o trabalho com a missão de convencer o professor Ronaldo Salgado a permitir uma entrevista com 30 páginas na revista, já que a média é de 25.